NOTAS E TRANSCRIÇÕES

A IMAGEM DE MEU PAI

ALBER VASCONCELOS

O dia de hoje que me põe em tanto luto, assinala a data em que meu inesquecível pai se foi desta vida para outro destino, aonde o seu espírito iluminado fosse melhor recompensado por suas excelsas virtudes.

Jamais conheci, em meus dilatados anos, quem reunisse, como ele, tantas e tão raras perfeições humanas.

A natureza foi-lhe de prodigalidade incomum, brindando-o com mão larga, com excepcionais qualidades de caráter; temperamento compassivo e suave, piedade inefável, crença religiosa inabalável, vida familar exemplar, honestidade incorruptível e, acima de tudo, espírito de justiça inexcedível. Com que saudade recordo sua bondosa e venerável figura! Quanto mais avançava nos anos, tanto mais querida e respeitada dos filhos, todos de tez a embranquecer, cultivando a mesma veneração por aquela santa criatura. Não me lembro nunca de tê-lo visto encolerizado, revoltado ol amargurado; de ordinário era manso, benévolo, humano a distribuir, às mãos cheias experiência, sabedoria e exemplos fecundos de caridade cristã, amor à verdade e firmeza de caráter.

Estando no Rio, a apasseio, costumava acompanhá-lo ao Supremo Tribunal aonde sempre ia rever os antigos colegas, igualmente aposentados. E como achava edificante vê-lo dirigir-se ao porteiro e demais funcionários subalternos daquela Colenda Corte com a mesma simplicidade e dignidade com que saudaria daí a momentos, os respeitáveis ministros do mais elevado Tribunal de Justiça do País. É que não tinha vaidades terrenas, nem orgulhos vãos.

E o que não dizer da sua admirável conformidade ao sofrimento e às crescentes limitações da velhice, sem uma imprecação ou lamento, nem mesmo um gesto de impaciência? Já com a vista bastante limitada, ele que tanto apreciava a boa leitura, escrever e retocar os seus trabalhos jurídicos, contentava-se a ler a manchete dos jornais com o auxílio de espessa lente. Padecendo de enfisema pulmonar crônico, há longos anos, sofria de falta de ar progressiva e cansaço aos menores esforços, estava já impossibilitado de sair, tamanho era o seu sacrifício, suportando todos esses percalços sem uma queixa ou desesperança.

Na doença final, que caráter estóico! Tudo fez para não aumentar a aflição e o desespero da velha companheira de mais de 60 anos e dos filhos que o assistiam no desamparo do inevitável. No seu leito de hospital, crucificado de injeções venosas permanentes, aspirações brônquicas repetidas máscara de oxigênio e tantos outros incômodos, nunca teve uma reclamação ou palavra mais áspera, suportando valoroso os rigores da doença até o momento final. Faleceu de uma parada cardíaca no oitavo dia de hospitalização e os horrores daqueles momentos jamais esquecerei, por mais longos que sejam os meus anos de vida.

Não seria faltar ao primor, por em realce aqui, a expressão mais perfeita da dignidade na dor, demonstrada por sua inseparável companheira de tantos anos. E no acerbo da separação, colado ao seu esquife, sufocado de dor, os olhos banhados de lágrimas, segurando-lhe a mão descarnada e rija, não tive mais forças senão para beijar-lhe a fronte imaculada e fria, balbuciando: Adeus, meu pai...

("O Povo" de 2 de fevereiro de 1973).

N.B. — O Autor refere-se a seu pai Desembargador Abner Carneiro Leão de Vasconcelos, que pertenceu ao Quadro Efetivo do Instituto do Ceará.